

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

FUNDADA POR VALENTIM MAGALHÃES

ANNO IV

RIO DE JANEIRO, 11 DE FEVEREIRO DE 1888  
DIRECTOR—L. CABRAL

VOL. IV—N. 160

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## REDACTORES

Drs. Franklin Tavora, Augusto de Lima,  
Urbano Duarte,  
Lepoldo Cabral e Candido Jucá

## GERENTE

Ismael Marinho Falcão

## SUMMARIO

A «Semana».....	O director
Expediente.....	Gêbê
Historia dos sete dias.....	Augusto de Lima
Vogando, soneto.....	Franklin Tavora
Escritores do Norte do Brazil.....	A. J. Macedo Soares
Vocabulario brasileiro....	A. de Oliveira
Apparencias, poesia.....	Araripe Junior
Recado ao autor das Con- temporaneas.....	H. de Carvalho
A morte, soneto.....	Candido Jucá
A função critica.....	V. Magalhães
A proposito de um alma- nach.....	Luiz dos Reis
Expição, poesia.....	Virgilio Varzea
Na roça.....	Raymundo Corrêa
Hero, soneto.....	Max
Galeria alegre.....	O. Duque-Estrada
Yoz do coração, soneto....	Lahore
A uma da noite.....	H. de Magalhães
Banho de oiro, soneto....	Lafayette de Toledo
Poetas mineiros.....	H. de Carvalho
A agulha.....	Pierrot
Vida alegre.....	Alberto Silva
II flor mortale, soneto ...	Luca
Collaboração — Contos sin- gellos.....	Guimarães Passos
No grande bazar, soneto....	Lha
Theatros e diversões.....	J. Moraes Silva
A larangeira, soneto.....	
Factos e noticias.....	
Diversas publicações....	
Anuncios.....	

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CORTE E NICTHEROY

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

#### PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

A empresa roga encarecidamente aos Srs. assignantes em atrazo a fineza de satisfazerem os seus debitos para evitar interrupção na remessa da folha.

O pagamento de assignaturas pôde ser feito por intermedio das agencias do correio.

São agentes litterarios da *Semana* os Srs. :  
Dr. Virgilio Brigido e J. J. de Oliveira & C., no Ceará.

J. Verissimo de Mattos, nas cidades de Manaus e Belem.

Dr. José Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife;

Max Fleiuss e Octavio Mendes na cidade de S. Paulo.

Virgilio Varzea, na cidade do Deserto.

F. Xavier Marques, na cidade da Bahia.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas e de que agora tomarem assignatura por um anno, offerecemos um dos seguinte livros como brinde :  
— *Symphonias*, versos de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Viera.

— *Visões de hoje*, versos de I. Martins Junior, 2ª edição.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerecemos um dos seguintes livros como brinde :

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza

## A SEMANA

Entrou a fazer parte da redacção effectiva desta folha o illustre Sr. Dr. Urbano Duarte, que, com tempo havia sido convidado.

Tambem assume, d'ora em diante, toda gerencia, Sr. Ismael Marinho Falcão, com quem serão tratados todos os negocios da economia d'a *Semana*.

O DIRECTOR.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Mais um! Era excusado dizer o que, pois de certo os leitores já advinharam do que se trata, mas em todo caso vou repetir-o: mais um suicidio. Ha, actualmente, nesta cidade, uma verdadeira epidemia de suicidio, muito peor que a *amarella*, mais devastadora do que a *variola*,

Hontem, foi uma joven que se viu atraçada pelo noivo, e que, para castigar-o, castigou-se a si propria, ingerindo uma forte dose de arseniato de

cobre; hoje é um menino que se asphyxia; amanhã quem será?

Eu, por ter de fazer esta historia, ou o *Varias* por não ter tirado a sorte grande? Já não é licito duvidar de ninguem. Aqui o que não falta é coragem para empunhar o calix de cieuta, ou cravar no peito o punhal reparador de todas as vicissitudes, que nos occorram na vida.

Pagou aos credores o velho suicida da rua dos Ourives? Melhorou as precarias condições de sua existencia? Aquelles com quem tinha transacções que dirão delle, hoje? Que era um homem honrado, ou que era um refinado espertalhão?

Abre a marcha neste prestito de accoutecimentos o suicidio de um velho. Quem sabe ai, para fechal-a, não terei eu de registrar o de algum pequerrucho que, cansado de viver, asphyxiou-se com o bico da propria mameadeira?

Em guarda aos credores! Quem tiver a iniquidade de ser creder nesta corte, que se revista de coraça protectora aos seus santos tecidos!

Um reforçado e atrevido negro encarregou-se de soltar aos quatro cantos d'esta cidade, a exclamação supra, ao mesmo tempo prudente e ameaçadora.

Cosme — pobre velho —, emprestará-lhe uns cobres, e elle nunca mais se lembrou disso. Aquelle, que, além de ser pobre velho, era um velho pobre; tivera necessidade muitas vezes do dinheiro, e por muitas vezes o pedira a Silva, o devedor, porém sempre de balde.

Ha dias encontraram-se no Campo da Acclamação: Cosme cobrou; Silva negou-se ao pagamento, aquelle ameaçou a este, e este cravou — *capulo tenus* — o seu canivete punhal no hypocondrio esquerdo do velho. Pobre Cosme!

Credores, em guarda!

Mais um felizardo na Siberia: o Barão da Leopoldina. Dizem que, como consequencia da entrada para aquelles gelos, não ha eloquencia que não esfrie, nem fogo que não se apague; é isso uma cousa naturalissima. O que ha de admirar a todos é que o Sr. Leopoldina, agora que para lá entra, passe a ser eloquente como Mirabeau, ou caloroso como o Sr. Nabuco.

Não seria facto para causar extraneidade, seria motivo para se lhe dar os parabens.

Na Bahia continua a corrida com obstaculos entre dois conservadores e um liberal.

Não consta que esteja determinado qual deva ser vencedor neste *steple-chase* politico. Ha palpites em todos os parelhios, que são, mais ou menos, da mesma força.

A questão é de jockey... O que for mais perito ha de alcançar o poste do vencedor sem protestos e sem algazarra

Olho vivo é neceaaario, para o caso de que algum que venha descanaado, queira metter a cabeça.

Eu não sympathiso com aquella gente fria, calma, impassivel da rua do Areal, apesar de dar, cá fóra, preferencia ao frio que exija dois cobertores, antes que ao calor que me faça suar duas camisas por dia. Acho que aquelle recinto sombrio é assim como que a ante-camara da morte intellectual dos nosaos mais eminentes oradores e estadistas, não gosto do senado, mas comprehendendo bem que aejam quebradas lanças, que aaja queimado o ultimo cartucho para a consecução de uma cadeira alli...

As coisaa não andam boas, a vida está difficil; é o que constantemente é dito por ahi. Escasseiam os empregos, chovem os candidatos, entretanto. Nestas condições, um empregosinho de 75\$000 por dia não é para aer desprezado, tanto mais quanto ninguem o pode tirar senão a morte.

Eu prefiro, comtudo, um logar ao lado do Sr. B. de Carvalho, na camara; prefiro porque não gosto do senado, prefiro com restricções: porque não tenho ainda os quarenta da lei. Quando os tiver, então... então sim.

E' admiravel como nesta nossa mal-fadada terra são menos presados os interesses do povo, no tocante á saude e á vida.

As epidemias, que aqui se manifestam, têm, em geral, por causa, as emanções putridas dos encanamentos de esgotos ou dos charcos que circumdam a cidade. O mal que destes provém, pôde ser considerado insanavel; o mesmo porém, não se dá, em relação ao que nasce daquelles: para desviar-o basta que no verão aejam evitadas as excavações nas ruas, e a esse respeito ha mesmo ordem superior: entretanto os jornaes reclamam sempre contra este abuso que continúa, a despeito de tudo.

O abuso é, parece, o regimen comum, de todos os que se occupam das coisas publicas. Não raro é que sejam noticiados desastres occorridos nos bonds cujas linhas cortam aa ruas desta ospital. Esta semana ajuda se deram doia.e desses, um trouxe a morte da victima. Ora, em verdade é inqualificavel o comportamento da autoridade a quem cumpre dar execução á ordem do ministro da agricultura, para que todas as linhas de bonds façam uso dos *salva-vidas*, já experimentados. E' occasião de, em nome da vida dos habitantes desta capital, reclamar do governo energicas providencias a esse respeito. O governo que se lembre que o lemma de um ministro francez foi: *salus populi suprema lex*! — e poucas vezes

atingiu esse paiz a tanta gloria e a tanta popularidade como no tempo desse ministro.

Não me occuparei das estréas que se effectuaram esta semana nos theatros. Limitar-me-ei a dar ao nosso compatriota Abdon Milanez os mais sinceros e vivos parabens pela nova partitura que escreveu para a *Dama de Espadas*. Dizem que tem defeitos a musica: que os tenha; quem os não tem como trabalhador e patriota é Abdon Milanez. Demais eu não o applaudo propriamente pela musica, que escreveu, faço-o pelo talento que elle possui e pela actividade de que deu, com ella, mais uma prova.

Ouçõ ao loago os sons rouquinhos do carnaval que se aproxima, com todo o seu cortejo de risos, de alegria, de loucura. Felizmente, para elle e para uossa integridade physica, nada temos a temer do seu peor inimigo: o entrudo. Este desgraçado morreu de inanição. Não deixaram que elle se alimentasse, a prudencia e o bom senso do povo. Que lhe seja leve a terra.

Gosto muito do carnaval e estou ancioso que venha o domiã gordo. Dizem-me que entre alguns membros da imprensa ficou resolvido que sabiriam á rua no domingo. Recommeado-os ao publico, apesar de ter informações, e essas mesmas muito reservadas, apenas de duas das phantasias. Um delles vai de *Pai João*, isto é, leva ao hombro uma vassoura com a qual vai varrendo os papeis das outras redacções e encaminhando-os para a sua; a cara é de negro retinto, para symbolisar o anonymo; o outro vai vestido de saióte em *jupe doré*, e leva uma *demi masque de velours garnie en dentelles brodées*.

Atirárá beijos ás moças e roceberá, com as lagrimas nos olhos, os seus doces e meigos sorrisos, numa açafata em *satín rouge parfumée à l'essence de Turquie*, que levará ao braço.

A' vista destas informações estou certo que o leitor, quando qualquer delles affautar a voz e lhe perguntar: — Você me conhece? — ha de dizer-lhe que sim, que o conhece muito bem.

E...

Viva o carnaval!

GEVÉ.

## VOGANDO

(A AFFONSO CELSO JUNIOR)

Desliza rio abaixo incerta prôa: ninguém a bordo; preso a duro laço, chora um cahido remo ausente braço. Que porto busca a singular canôa?

Mas cis que além, com rapido fracasso, um rochedo iavisível a abalrôa, e momentos apôz de espaço a espaço, fragmentos soltos vão-boiando atôa...

Mais iafeliz do que o baixel sombrio, vou eu siagrando da existencia o rio, tendo a bordo o cadaver do Passado.

E não achar, como elle, um arrecife Que despedace as taboas deste esquite, Na corrente sem fim arrebatado!

AUGUSTO DE LIMA.

## Escreptores do Norte do Brazil

DR. A. OONÇALVES DIAS

Gonçalves Dias, não é só o primeiro poeta do Brazil, é especialmente o primeiro poeta do norte. As suas inspirações não obedecem á divisão da litteratura, idéa que me foi suggerida quando já emmudecera de todo a grande harmonia maranhense. No seu tempo não se pensava em semelhante distincção. Os seus trabalhos portanto devem reputar-se estremes de qualquer preoccupation local. Pois bem: os mais importantes trabalhos do immortal cantor brasileiro são filhos do norte, e trazem o fulgor e a originalidade septentrional.

São do norte as *poesias americanas* cuja grandeza, quer na coacepção quer na fórma, prolongou até paizes estrangeiros o nome do poeta de Caxias. Nessas poesias entram sempre Tymbiras, indios do Maranhão, que elle immortalizou. E' do norte o seu poema *Tymbiras*, essa epopéa lyrica, (si estas duas palavras se pod' m ajuntar), de que nos deixou somente os quatro primeiros cantos, poucos em numero, immensos na belleza, na harmonia, nas côres locais, na ethnographia e theogonia selvagem. O aorte, o seu Maranhão, a sua Caxias, eis as fontes, as miraculosas, oade bebeu os devaneios, a cadencia, a magia que aos seus versos dão uma feição particular e original que ainda nenhum poeta entre nós, por mais inspirado e arrebatado, pôde egualar.

Entre as preciosas gemas que a litteratura nacional deve ao maranhense por tantos titulos illustre, sobresahe o pocaneto *Tabayra*. Este era o nome de um dos mais valerosos chefes dos Tobajaras dominadores de Pernambuco. G. Dias canta no poemeto o valor tradicional, e o papel historico do chefe indio na colonisação da donataria de Duarte Coelho.

A julgar pela magnificencia da producção, o assumpto deverá merecer ao poeta toda a sua predilecção. As melhores cores da sua palheta perennal engrandecem o quadro em que o artista restrata a luta colonial onde, com o portuguez, apparecem os indios allados e os indios que não querem alliança. São esses os Potiguaras; são aquelles os Tabajaras a cujo numero pertence Tabayra.

A belleza e a sumptuosidade de pintura são artisticamente realizadas sem outro fundameato, outra explicação, além do éstro natural do poeta. O assumpto penetra-lhe a alma. O poeta compraz-se em dedicar-lhe as notas mais ternas do seu coração commovido. Quando elle se occupa com objectos do semelhante origem, as suas harmonias são duplicadamente mais maviosas, os seus desenhos falam a linguagem da inspiração e do encanto. O leitor comprehende e reconhece que o poeta está na estancia mais namorada do seu reino de delicias.

Só a dedicatória do poemeto aos pernambucanos, revela a sensação particular que elle experimentou tratando do motivo escolhido.

Foi dali, foi do Norte, que irromperam, como jorros de agua crystalina e doce, essas inspirações que tiveram forças para crear o *indianismo*, escola que domiou por muitos aanos no Brazil, e em que ainda se inspiram musas modernas e frescas como a de Mello Moraes Filho nos *Cantos do Equador*.

FRANKLIN TAYORA

(Continúa)

## Vocabulario Brasileiro

*Evoluir* v. intr.

*Explosir* v. intr.

Formações eruditas incorrectas, a 1ª sobre o v. fr. *évoluer*, a 2ª sobre o s. port. *explosão*.

Tendo creado o termo scientifico *évolution*, por analogia de *révolution*, já existente, sentiram os francezes a necessidade do verbo; e como não houvessem passado para sua lingua o lat. *volvere* e seus compostos, fizeram do pref. lat. *e+* thema *volu=* *volve+* suff. verb. *er* o v. *évoluer*. Nós, porém, que possuímos do latim *volvere* e seus compostos os verbos *volver*, *convolver*, *desenvolver*, *devolver*, *envolver*, *revolver*, não temos mais do que receber o lat. *volvere* e formar *evoluer*. Deixar esta fonte natural, directa e pura, e ir ao francez pedir a nova palavra imposta pela necessidade, é o cumulo da extravagancia.

O fr. *évoluer* dá o s. *évolution*; o port. *evoluir* porém, não dá *evolução*, e sim *evolução*. Comparem-se as formas em *uir*, como *constituir*, *contribuir*, *destituir*, *destruir*, *distribuir*, *influir*, *instaurar*, *prostituir*, *restituir*, *substituir*, e os substantivos correspondentes *constituição*, *contribuição*, *destituição*, *destruição*, *influição* etc.

« Organismos que se desenvolvem, que evoluem por sua conta, » escreveu um dos nossos mais sabios litteratos, Sylvio Romero. *Evoluir* ao pé de *desenvolver*, para dar idéa de *evolução*, é o mesmo que *revoluir* ao pé de *revolver*, para dar idéa de *revolução*, *devoluir* para *devolução*, etc.

In mare se fluvii evolunt, disse Virgilio: os rios correm para o mar. Admittido o v. *evoluer*, havemos de dar-lhe as formas transitiva e pronominal. Naquelle trecho, *evolunt* traduziremos *envolvem-se*. Comp. os congeneres compostos de *voluer*.

Do *explosão* formar *explodir* equivale a de *applauso* formar *applausir*.

A forma correcta é *explodir*, do lat. *explodere = explaudere* (au — o); assim como *applaudir* de *applaudere*, compostos de *plaudere* bater com força, fazendo barulho, ruído, estampido. Dahi o *explodere* dos italianos, e o port., ou antes o brasileiro *explodir*. E dizemos o brasileiro porque a forma *explodir*, indecisa ainda no Brazil, lutando com *explodir*, está, parece, definitivamente adoptada no Chiado, pois é empregada pelo pontifice Camillo Castello Branco; quanto basta, diria José Jorge, para que nós brasileiros a rejeitemos.

*Expluir* é outro neologismo, succedaneo de *explodir*, e admissivel por metonymia, na significação translata; porque a propria é derramar, botar fora; atirar, lançar de si, fazer sahir; *effundir*. Do b. lat. *expluere*, de que temos exemplo em Du Cange: *Bombarda cerbotana ad longe pillulas suas expluit, quia virtus unita est fortior dispersa.* *Expluir*, porém, não dá a verdadeira idéa de *explodir* rebentar, fazer explosão.

A. J. DE MACEDO SOARES

(Extrah. do Dic. Brazil. da Ling. Port.)

## APPARENCIAS

Quem sobre nós põe a vista,  
Quaado muito, desconfia  
Que entre nós ambos exista  
Um pouco de sympatbia.

Ninguém, jámais, que nascemos  
Um para o outro, que, emfim,  
Se vivo é de teus extremos,  
Se vives é só por mim.

Ninguém suspeita... E em profundo  
Extasi, mudas e calmas,  
Longe dos olhos do mundo.  
Estreitam-se as nossas almas.

Entretanto, um do outro em frente,  
— Tu a scismar, a scismar,  
Eu, quasi que indifferente —  
Só nos podemos olhar.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

## Recado ao auctor das Contemporaneas

Nunca é tarde para mandar-se um brinde a um poeta, a quem as vozes da admiração dos amigos atalham, fazendo-lho uma justa festa de chegança.

Não é verdade que se deveria sempre soltar uma gyrandola de foguetes, ou dar um tiro de bacamarte, como em certas solemnidades se pratica no sertão, quando nasce uma arvore fructifera rara em um pomar ou se descobre uma flor de especie não classificada?

Com maioria de razão deveriam replicar os sinos da freguezia e a irmandade do SS. Apolo tomar a opa e os tocheiros para levar á pia baptismal o poeta recém-nado, consagrando-o com o nome, pelo qual o mundo das letras o apregoará, tanto na vida, como na morte.

Receba, pois, o poeta das *Contemporaneas* estas palavras sabidas do coração; e, em falta de melhores, guarde-as, não pelo que valem, sendo como são fructos de pouco sabor, mas pelo que, no intento de quem as prefere, ellas pretendem symbolisar, — o entusiasmo franco causado por um livro, — a sensação deliciosa de uma leitura communicativa.

Não critico aquillo de que me apaixono; e o livro que tenho diante dos olhos acha-se perfeitamente neste caso. Sinto-o, como se sente a aura blandiciosa em um clima tropical, morno e anesthesico; percebo-o, como se percebe o garrulo, irriante e festivo guaynumby; observo-o, como se observam os tons coloridos pela luz ecliptica do sol em uma tarde de Agosto; — peaso-o e repenso-o, como se pensa o mysterio da existencia e o movimento do universo. E tenho dito tudo e não tenho dito nada, porque para que a satisfação fosse completa, seria talvez necessario fazer o que fazem as crianças em sua ingenua-perversidade, — abrir de meio a meio o poeta, lasciar o brinquedo que nos encanta, que produz tão bellas harmonias, para consultar-lhe as entranhas, o mecanismo interno, e verificar a explicação de tantos e tão ca-

prichosos effeitos. — e depois... depois como certos aristarchos ou como a boa constrictor, acariciar a victima com a baba para em seguida devoral-a, putrefazer-a nas voltas intestinaes.

Isto, porem, é o que não perpetrarei por forma alguma. Autopsiam-se os defuntos. Com os vivos pom-nos, apenas em relações de odio ou sympathia.

Demais, a critica já disse quasi tudo; e, pela penna esperançosa de um Livio de Castro, já deu até a formula do poeta. O que poderia eu acrescentar? se não uma palida nota a margem desse justissimos juizos.

Que o talento do auctor das *Contemporaneas* é um talento formosissimo, mas formosissimo em toda a intensidade do superlativo? que esse talento não soffre nem de maculas, nem de hesitações, nem de deliquescencias, nem de pedantismo? Que é um talento sadio e franco, espontaneo e seguro, sereno e azul,—tão sereno como uma manhã de minha terra natal, tão azul como os olhos da Julietta com que provavelmente scisma?

Não. Um poeta assim explica-se por si,—dando-se a lér,—deixando-se que a alacridade adiante de tão lindas paginas traduza-se por si, e que o orgulho nacional se expanda ao ver um specimen de poesia tão nova, tão balsamica, tão nossa!

Não se trata de um parnasiano que se tortura pela forma, nem um blasé, um decadente, que refine o sentimento, nem um philosopho que tente as cosmogonias novas, nem um platónico que difinhe a olhar para a lua; mas de um espirito profundamente colorido nos dons da expressão, amante das grandes linhas, que pensa quando sente e que sente quando quer, dando á sua lyra todas as inflexões que comportam uma alma francamente apprehensiva das bellezas da vida e da vida de sua terra.

Nas *Contemporaneas*, e é o que nesse livro mais me apaixonou, a poesia circula como a seiva em uma arvore florida e vigorosa. Cambiante em tudo a imaginação do vate surge em toda a parte e não se deixa apatetar na contemplação exclusiva de um aspecto unico.

Pantheista na poesia — *Atravez dos seculos*, sceptico na que conserva este mesmo titulo, mystico no — *Amor* — atheu nos — *Dous Christos*, fetichista no *Poivo*, *Lagrimas do regato* e na *Colera do mar*; contudo elle váe banhar-se nas forças colossaes do seculo para surgir logo adiante encandescendo de transformismo e irradiante de amor brasílico.

O que resta agora é que o poeta não se deixo cahir na molorra tropical, e saiba viver... viver com toda a força e intensidade a que tem direito o seu genio artistico, e que, neste momento supremo, em que parece que o Brazil gravita para o seu verdadeiro centro economico, e que alguma coisa de novo vibra no organismo nacional, não se engolpe entre as tetas de terra que circumdam-lhe na roça a mansão poetica, e concentrando-se em espirito no poema que actualmente elabora — *A vida* — consagre um canto á festa de recepção dos legionarios do progresso, que diariamente, de todos os pontos da Europa, irrompem, atravez do Atlantico, em demanda das nossas florestas portentosas.

ARARIPE JUNIOR.

## A' MORTE

Ninguem te impede o passo! Omnipotente,  
destroes o rei, destroes o proletario,  
e vais seguindo impune o teu fadario!  
Tudo transformas com teu dedo ingeote!

Mas nada annullas! Tulo existe. A gente  
fazes voltar ao ponto originario.  
E, do modo que a flor, — um planetario  
systema esnagas impassivelmente.

Que corpos no Universo não sentiram  
de teu cutello o gume inexoravel?  
— De ti somente os atomos se riram!

Irman dos tempos, força imponderavel,  
o proprio Deus, que os homens construíram,  
tu reduziste a... HYPOTHESE IMPROVAVEL!

S. Paulo.

HORACIO DE CARVALHO.

## A FUNÇÃO CRITICA

A critica é a revolução.  
Por outra, toda a critica é revolucionaria.

Desalijada uma borrasca, o que é que fica na atmospherá?

E' o ozona, cuja principal acção é destruir por sua extraordinaria energia oxydante as poeiras organicas delecterías que fluctuam no ar.

Mas o ozona premedita essa destruição? Não, por certo.

Pois hem: a critica é uma especie de ozona.

Inconscientemente ella varre com luz e purifica com oxígeno a atmospherá mental de nossos erros e de nossos prejuizos.

E' desse ponto de vista que nós dizemos que a critica é revolucionaria.

A função critica, embora rudimentar, é velha como o Diluvio.

Um bello dia decepou-se a formula emphatica de Pythagoras — Magister dixit — e partiu-se o fio do methodo syllogistico da Escolastica.

No seculo XIV começou a grassar manifestamente esse grave aclaque do raciocinio e do espirito de liberdade preparando nas trevas o advento social da Renascença para o seculo XV, a crise religiosa da Reforma para o seculo XVI e o cataclysmo universal da Revolução para o seculo XVIII.

Já se vê, pois, que essa função deve estar hoje muito bem definida e muito bem orientada.

Por isso mesmo, para exercer-a integralmente requer-se summa delicadeza de tacto.

Actualmente os processos organicos da critica especulativa são extremamente simples: manipular a sciencia e extrahir della o criterio absoluto da verdade para servir de termo de comparação no jogo das relações subjectivas e objectivas.

Mas tudo isso abstrahindo da palmaria, do tutu e do papão. Caminha-se rectilíneamente, impassivelmente, sem inchar as carotidas, sem injectar os olhos de sangue, sem experimentar calafrios, sem accelerar a circulação, sem soffrer desmaios.

E' precisamente nessa incorruptibilidade da critica que está a sua facultade sempre renovada para revolucionar.

A critica tem por fim assignalar. Quem estuda e quem medita forja para si uma opinião, e já é muito. Essa opinião então lhe passa a servir de unidade.

Um individuo pôde discordar de outra opinião, discordar de uma theoria, ou manifestar-se contrario a um dado estado social.

Nesse caso o individuo nada mais tem a fazer do que estudar, calcular, servir-se do duplo methodo de analyse e de synthese, comparar e deduzir, para depois de todos esses processos essenciaes e preliminares formular com isenção e com religiosa sinceridade o seu juizo parallelamente ao ponto controverso.

Eis ali o que é racional.

A critica expõe, a critica julga, mas não vergasta.

Uma opinião segura é uma religião conquistada.

O individuo. A pôde ser idealista ou realista, classicista ou romantico, phantasista ou naturalista, materialista ou espiritalista, empirista ou criticista, conforme o elemento dominante do seu temperamento e conforme o grau effectivo dos seus conhecimentos, sem que por isso deva suhir á força sem remissão.

Só o que se exige é que elle seja sincero e honesto em sua intenção.

O caracteristico dos phenomenos affectivos são a fatalidade e a expressividade: o homem não pensa como quer, pensa como sente.

Vem aqui muito a proposito o principio de identidade — O que é, é. A=A. Quem escreve uma pagina, reproduz-se nessa pagina.

Hoje em dia já não ha necessidade de mentores.

O que se recebe de um mestre é a sciencia e o que se recebe de um magistrado é a autoridade, mas só na subordinação legal de funções officiaes.

Em que é que se condensa o grande, o immenso programma do futuro?  
Na liberdade.

Uma sociedade é tanto mais adiantada quanto é mais livre.

A liberdade de consciencia contra a religião official, a liberdade intellectual contra as doutrinas classicas, a liberdade da imprensa, a liberdade da discussão pela palavra e pela penna, sem duvida a mais delicada e a mais grave.

Depois é claro que para o mongol da liberdade no exercicio pleno de snas regalias sociaes só ha uma muralha da China: o Codigo Criminal.

Tal é o espirito actual da critica e do livre exame.

Apparece, por exemplo, um desconhecido, um projectil do immenso mundo anonymo social, e firma com mão intremula todas as letras do seu nome em um escripto.

Questiona-se: quem é esse sujeito? de onde veio elle? por onde passou? isso é bico ou cabeça?

Ao que esse emissario da obscuridade devo responder serenamente, dignamente: *Quod scripsi, scripsi.*

E em seguida lavar as mãos no lago puro e crystallino de sua consciencia.

Eis o problema.

Na vasta e intrincada floresta humana, falando em these, o pensador representa positivamente uma individualidade definida, accentuada, autonoma, livre para raciocionar e livre para ngir por conta propria, sem outra escola que não seja o seu criterio scientifico e sem outra opinião que não seja a sua convicção.

Isso pela razão simplissima de que a convicção está para o cerebro assim como o sangue está para o coração.

E' desse modo que se exerce a função critica.

Uma profissão de fé, ou cousa que o valha, foi sempre um dique inextinguivel contra as invasões solemnes da falsa hermeneutica litteraria.

CANDIDO JUCA'

## A proposito de um almanach

Acabo de folhear o almanach d'O *Vassourense*, para este anno, que é o 2º de sua publicação. Para peupar um pouco de tudo quanto se gasta com elogios extensos, desde o adjectivo até á tinta, — direi logo, redundante, que este almanach é o melhor dos que, brasileiros, appareceram este anno. Aquelle superlativo, está claro, é todo de relação. Almanach de cidade provinciana, adstricto apenas ás informações e indicações da cidade e do seu respectivo municipio, a sua importancia é muito limitada; não pôde emparelhar com outros da capital do imperio. Mas quanto ao cuidado que presidio á sua confecção principalmente na parte litteraria — que é, aliás, a de maior monta — parece-me innegavel que elle é o melhor.

Os mais conhecidos e laureados nomes, pertencentes á pleiade brillantissima que fulgio nesta folha, collaboraram no almanach do *Vassourense*, expressamente, com produções inéditas. Entre esses Raymundo Corrêa, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Augusto de Lima. Encontra-se nelle tambem *O corvo*, a sinistra e estupenda poesia de Edgard Poe, magistral ver-

são de Mnebado de Assis. Outro grande elemento ao agrado publico é uma collecção de 32 obras originalissimas, magnificamente trabalhadas em verso, destinando-se e sendo dedicada cada uma a um escriptor distincto. Não resisto a uma indiscrição: — estas charadas são de Raymundo Corrêa, que é inimitavel nesse genero, difficil e interessante quando tratado com esta grunça correcção e novidade. Tem o alumnach 431 paginas, e dá boa copia dos progressos da arte typographica em Vassouras.

Mas não foi propriamente para falar d'este almanach que d'este almanach falei. Foi para dizer tambem um pouco do seu organisador, o Dr. Lucindo dos Passos filho, «o Lucindo filho», como lhe chamam todos. Este distinctissimo homem de letras é por tal maneira modesto, tão poucos ensejos dá á que se occupe a gente com elle, que não ha remedio senão agarrar pelos seus poucos cabellos os pouquissimos que apparecem.

E' o que faço.

Mns descance a bisonha, silvestre e hirsuta modestia do meu amigo: não o incomodarei muito tempo.

Tem muita cousa de parecido com o Arthur Azevedo o Lucindo filho. E' como elle — gordo, pacborrento, myope, bonacheirão, bondoso e alegre. Como o Arthur, consegue milagrosamente multiplicar o tempo, de modo a fazer-o chegar para a clinica, para a leitura de uma infinidade de jornaes, de todas as grandes novidades scientificas e litterarias, europens e brasileiras, para traduzir admiravelmente Virgilio, para redigir e revisar *O Vassourense*, conversar com os amigos e beliscar a orelha da sóta.

Da ultima vez que estive em Vassouras estudava o Lucindo tudo o que diz respeito ao hypnotismo, tendo recebido as mais modernas e notaveis publicações sobre o assumpto.

Tem uma bibliotheca superior a tres mil volumes, e toda muito escolhida, com poucos *alcaldes* e algumas preciosidades bibliographicas. Não ha livro brasileiro de algum merecimento que nella não figure, e não, ha positivamente nenhuma publicação feita no Brazil de que elle não tenha noticia. Lê como tresentos diabos e assimilla como seiscentos.

Todos os mezes vem á Côte beijar a mão de seu velbo pae, a quem vénera e ama estremecidamente.

Chega de Vassouras á Côte no ultimo trem, á noite, e volta da Côte para Vassouras no primeiro trem do dia seguinte, de madrugada. De modo que não vé a cidade, nem a cidade o vé. E assim vive elle, calmo, afastado, com sua esposa e seus filhos — uns rapagões endiabrados — e com os seus livros, que lhe constituem segunda familia, lendo tudo, conversando com o Raymundo Corrêa, jogando com o Rodolpho Leite Ribeiro e mais outros intimos, dando saude aos doentes curaveis e consoladoras esperanças aos perdidos, sendo bom para todos e sendo de todos querido.

Mns o mais interessante é que o Lucindo filho, fazendo tanta cousa, é o maior preguiçoso que tenho a honra de conhecer.

Original patricio!

VALENTIM MAGALHÃES.

## EXPIAÇÃO

Eis-me longe do mundo. A Musa da Agonia,  
Branca da lividez dos funebres sudarios,  
Entôa junto a mim uns cantos funerarios,  
Uma canção sombria,  
E emquanto te divertes  
Do zelo o espinho ntroz o peito me crucia

E, isolado e triste, emquanto nos fulgores  
Do baile queimas tu sem dô e sem piedade  
As rosas de tua alma, as mais formosas flores  
— Amor e mocidade,  
Vou... escrevendo um canto  
Para o qual nem terás um riso de bondade.

Uma tenue lembrança, eu bem sei, num aneio,  
De mim, do sonhador, do triste, — o infortunado,  
Como se fóra só a sombra de um cuidado  
Não ha de ir teu seio  
Solevantar, medrosa,  
Dizendo-te o meu nome, um nome invalidado.

Que importa! Se este amor tão grande e que inda alento  
De ti só mereceu culposa indeffença,  
Ha de encontrar um dia a sua recompensa  
Quando o arrependimento  
Como um juiz severo  
For lavrar contra ti a fulgida sentença.

Folga, mas tem cuidado, a tua crueldade  
Pôde-se converter tambem no teu mártirio,  
Bem pôde esse desdem tornar-se no delirio,  
No horror, na tempestade  
De tremenda paixão;  
Eu creio que já vi na rocha erguer-se um lyrio.

Então, bem pôde ser que eu seja venturoso,  
Que tenba acabado já o que procuro ha tanto,  
Como este immenso amor um outro amor tão santo,  
E que o fado impiedoso,  
Punindo o teu orgulho,  
Nem deixe sequer ir enxugar-te o pranto.

LUIZ DOS REIS

## NA ROÇA

A RAMALHO ORTIGÃO

I

O Cosme, depois que a tia Sabina morrera, dera-se todo á bebidas.

Raramente trabalhava já; e a maior parte do tempo, levava-o, de manhã á noite, na venda do André, a virar vintens d'aguardente.

A sua physionomia, outr'ora esthetica, rosada e limpida, com um riso amavel e um resplandecimento juvenil e doce, acabava-se agora quasi completamente transformada.

Os seus olhos castanhos e transparentes, muito abertos, e que tinham uma expressão e uma luz tão forte que accendiam logo nos virgens corações das raparigas affectos desordenados, arrastando-as ás fúrias da rivalidade assanhada e dos ciúmes convulsos, fazendo-as descompreem-se e esgadanhaem-se impudentemente nos terços, — viviam agora cerrados sempre e cobertos da rubra e desfigurante bruma do alcool.

Sobre o rustico banco de madeira que corria horisontal ao curto balcão da casa, elle vivia ae horas a dormir, sentado, com uma das pernas dependurada e a outra erguida sobre a taboa — o pé direito espalmado, mostrando uns dedos nojentos, calosos e deformados, onde os dois braços e as mãos fechando em circulo a perna em triangulo, desciam e vinham unir-se enclavinbados. A cara, congesta e tumida, apolava-se contra o joelbo, e a barba, selosa e fina, estava sulcada de grossos fios de baba.

O cabelo, inculto e longo, todo emaranhado e ruço daquella vida desviada totalmente do bem estar e do trabalho, exausta já de vigor e brio, dava-lhe á cabeça revolta um ar disforme e velbo.

No entanto, bem reparadas, as suas feições conservavam ainda um tom vago e fugidio daquella doçura e virilidade antigas.

II

A tia Sabina era mulhr dos seus 60 annos, alta, magra, com os cabellos

brancos e um pescoço fino e comprido muito sulcado dos cordões das vsias. Fallava pouco e baixo; era devota sabia lér e tinha bom coração.

Todas as noites, depois de fiar o seu bocado de algodão, cejava, e ficava por muito tempo defronte de uma velha commoda, onde bavia um registro do Bom Jesus de Iguape, em pé, com uma palma verde na mão; ficava alli a orar, com o seu velbo escondido rosario entre as mãos, a passar as contas nos dedos, com um rapido movimento dos labios, e o olhar, ora vagando pelo tecto, ora fixando a imagem pintada; depois ia-se metter na cama mastigando ainda restos de rezas.

Fôra casada 20 annos. O marido havia dois que morrera. Era embarcado, levava a vida por fóra, em viagens, e a ultima que fizera mata-ra-o, porque desembarcara doente, em braços, a bem dizer morto, com uma pneumonia.

Elle então, necessitada de uma companhia, tomou para si o Cosme, que era um rapazinho orphão, magro e amarello, muito timido e desageitado, com uma carinha meiga e uns olhinhos grandes e mansos, e que vivia a favor em casa de uma pobre e numerosa familia da Varzea.

O rapazito não era feio e a tia Sabina desde que o tomava que descobria nelle uma bondade — era obediente e calado, muito docil, alheio a troças e amigo de fazer as voltas da casa.

Por essa razão tratou logo de dar-lhe umas roupinhas e mandal-o todos os dias á escola, acompanhando-o até á porteira e recomendando: — Sé bem ensinado e bom; aprende, meu filho, aprende que é para seres bomem.

E ficava ainda depois a olhar de longe para o pequeno, que ia caminhando, sem se voltar, com o andar atrapalhado e os pes a doerem-lhe e a escorregarem dentro dos tamanquinhos novos.

Tinha então 6 annos.

Quando elle voltava, ao meio dia, e vinha tomar a lição, ella, sentada na caixa grande da sala, com o cesto da costura ao lado, mettia-o entre as pernas magras, e tirava-lhe com meiguice o casaquinho e o bonet, alisando-lhe para traz o cabelo com caricia das mãos, perguntando-lhe:

— Então, soubests hojs a lição?

E beijava-o na testa, enternecida.

Depois, levantava-se, in tirar a comida estendia no chão uma esteira, abria sobre ella uma toalhinha muito alva e com a panella ao lado e uma grande colher de pau enchia o alguidar do rapaz que, sentado, de pernas cruzadas, remecbia e amassava o pirão, mastigando em silencio.

A' meia tardes, o Cosms voltava de novo á escola. E ao entardecer regressava, só, afastado dos companheiros que galhofavam delle, dos seus modos, e que, n'um alarido desenfreado, corriam, jogavam pedradas para as cercas oude os cães se iam refugiar latindo e os passarinhos dobravam nas ramagens altas.

Quando aneiticia, a velha botava-o adiante de si com o catuto na mão, e

deixam ambos para a fonte a buscar água, por entre o cantar metálico dos grillos e as inquietas brasinhas dos pyrilampos.

Assim cresceu o pequeno. Uma ocasião—já com 18 annos—metten-se-lhe em cabeça casar.

Na casa vieinha, do lado do morro, havia uma rapariga galante e viva, filha de um pescador do logar, que desde muito andava-o tentando com uns olhos magníficos.

A rapariga chamava-se Margarida. Era um demónio; e todas as tardes, havia mezes, vinha ao caminho esperar e rapaz que voltava da rede.

Então fazia-o parar, começava a contar-lhe «cousas», a dizer que o amava, estalando-lhe nas bochechas risadas esplendidas, jogando-lhe beijos com os dedos, entornando-lhe sobre a cabeça turbilhões de petalal

O Cosme, muito acanhado, corava; sentia-se commovido e satisfeito com aquellas declarações e ria-se, ria-se a valer, sem saber o que dizer, scintindo palavras que lhe passavam na imaginação como faiscas, mas que nunca lhe vinham aos labios!

Apenas podia dizer, japorvalhadamente:—E eu!... E eu!...

(Continua)

VIRGILIO VARZEA

## HERO

Descamba a noite; rapido farfalha, Crebro, o tufo; ferve o Hellesponto irado, E o céo da Grecia torvo e cnrrregado. Rapido o raio rutillo retalha...

A fria, undosa, liquida mortalha Rasga co'o peito o nadador ousado; Sorri-lhe ao longe o porto desejado Onde o amor brilha e a placidez se espalha!

O louco amor que o impelle inebriante Ao mar, do mar, trahidor, e não socorre, E as vagas cospem-no hirto, agonisante,

E Hero, livida e afflicta; á praia córre, E sobre o corpo inanime do amante Caem sem força, nulloando, a arqueira e morre...

RAYMUNDO CORREA

## GALERIA ALEGRE

III

JOSE' DO EGYPTO

Magro, de pince-nez e de flor á lapella do fraque.

Sem ser nababo distribue notas... á margem. Em outros tempos fabricava-as na *Gazeta de Noticias*, hoje fabrica as *Notas* á margem da *Gazeta*.

Admira o Camillo; gosta do Ramalho escriptor e poseur, e adora o Filinto. Filinto e elle ou elle e Filinto são dois corpos n'um espirito só, não entrando os pés do Filinto, que ficam á margem do espirito, e das Notas.

E' nm temperamento litterario de pri-

meira grandeza. Poeta, jornalista, critico, polemista, dramaturgo, revisteiro, pedagogo do pedagogia e... traductor.

Ufana-se mais quando se lhe falla do *Gran Galeoto* do seu da *Mulher-Homem*. Coisas!...

Forte de talento e fraco de corpo. Tem tambem um outro fraco: é bacharel em direito. E como bacharel fez um figurão em Vaseouras, onde pôz no olho da rua um infeliz e foi perseguido por um admirador que a cada passo apertava-lhe fortemente as mãos, abraçava-o entusiasticamente e exclamava ainda mais entusiasmado ficta ndo-o: — Moço quéra! moço onça!... Ah! monstro!

Um horror!

No mais o José do Egypto não é José, é Antonio... Foi o creador desta grande obra *A Semana*. Não lhe escreveu aqui todo o nome porque seria obrigado a terminar estas linhas em verso. O nome delle é um alexandrino e dos bons.

IV

LELIO

Prosador, poeta, contista (sem ser de Comte) e... empregado publico, para não ser mais pobre.

Nunca fez um discurso por sua propria vontade. Fel-o uma vez obrigado. Desfecharam-lhe uma manifestação no *Globo* obrigada a jantar e á casaca, fizeram-lhe innumerables discursos e o Lelio vingou-se: fez um discurso. O meu primeiro e unico discurso! exclamou elle, commovidissimo.

Não chorei! Quem é que não tem sido victima? O Lelio por ser um litterato de raça não pôde fugir á raça do entusiasmo dos seus admiradores.

Resignou-se. Elle sabe que o entusiasmo não conhece limites.

E' possivel que sob o pseudonymo de Lelio poucos o conheçam, no entanto bem pouco deixaram de saborear as suas deliciosas *balas de estalo* quando o fizeram confeiteiro da *Gazeta de Noticias*.

Lelio é sollicito, accede a qualquer chamado de Assis ou de Beltrano.

Não falla mal nem bem de pessoa alguma e, é um causeur da primeira ordem e um prosador hors ligne.

Quanto a idade, o Lelio é... mais moço que o Varias.

Acreditem!

Ha um *calembourg* que é do Lelio (horror!) feito n'uma rapariga que fallava ou que falla até pelos cotovellos.

Eil-o: ignez-gotavel.

Desmaiem.

Isto tem atravessado seculos.

Actualmente o... o... o... o... Le... li... o é Mal... vo... o... ho.

U... ma pe... pe... ro... la!

V

ELOY O—HEROS

E' uma nbiquidade muito bem nutrida. Está em toda parte—elle a a barriga—a barriga e a pilheria.

Não é um Antheu porque tem dois braços—mas não tem mãos a medir.

Gorde como o veem é um finissimo poeta.

Passa por esta cidade de cabeça erguida carregando pacientemente um pince-nez colossal.

E' um causeur dos diabos.

Anda sempre atacado de um mal—a poesia dos outros. E' o Gower da musa patria.

MACIE

## Voz do Coração

Eu quizera passar no miserando Mundo, a beber um devneio infundo... A's vezes juncto ati, rindo e cantando, Ou distante, tambem cantando e rindo.

Só viver para amar-te, e amar-te quando Tu, carinhosa, a meu amor sorrindo, Fores fugindo ao mundo e me alentando E não amando o mundo e me fugindo.

Eis o desejo que meu peito nbriga: E não é novo um tal desejo ardente, Pois é tambem nossa paixão antiga...

Guarda esse affecto... essa paixão consente... Nós viveremos n'uma paz amiga, Sonhando sempre, amando eternamente;

OSORIO DUQUE ESTRADA

## A UMA DA NOITE

— Olha, Chico; sempre estou-te a dizer isto. Não ha vida como a de casado. Não ha. Ha cinco annos que sou tão feliz, que as vezes tenho medo de um castigo do céu; vivo num paraizo. Tenho saude, negria, boas digestões, couros oleosos. Uma plenitude! Casa-te, meu amigo; procura uma mulher, como a minha, e casa-te. Fui feliz. Encontrei um anjo, Chico; mas um nnjo, como não ha outro, Se a vires, morrerás de inveja. Tem todas as virtudes, todas as prendas. Seu ideal é ser escrava amante e submissa do marido. Nunca lhe senti uma aspereza na voz, um arripio no gesto. E' uma pomba! meu caro Chico. De uma paciencia, de uma submissão, de uma fidelidade de Andromacha. E' escusado dizer que adoro-a de joelhos. Quando volto do loo, como agora, a uma da madrugada, encontro-a sentada a beira do leito a minha espera; e sobre a pequena mesa da alcova, envolvidas em báltea, desañão-me o apetite umas deliciosas torradas, que por um milagre de amor conjugal, ainda ee conservão quentinhas. Ah, Chico! é o casamento uma instituição divina!

E o palerma do seu Chico, encostado ao combustor do canto, no silencio somnolento da cidade burgueza, suspirava ralado por uma fina pontinha de inveja.

O feliz marido, aceso por aquella attenção snspirosa, fusilava o infeliz com hyperboles inauditas:

— A familia é um pequeno cosmos! Todas as felicidades alli estão em torno de um centro creador e eterno, a mulher!...

E diecorria. Aquella hora adiantada da noite, a um canto de rua, a voz deese marido phenomenal tinha sonoridades de cornetim.

O Chico, hem vestido, á ingleza, um grosso diamante luzindo-lhe ao dedo, botas despontadas em lança, charuto apagado ao canto da bocca, alongava uma vieta pensativa pela rua mal illuminada ao gaz do Sr. Child. Parecia, com aquelle vago olhar sentimental, procurar ignota vereda que o levasse a um paiz encantado, cheim de mulheres formoaas e brandas, pleno de doçuras inefaveis. Aos seus pensamentos fazia a voz aflautada do amigo que continuava o estranho panegirico.

— E' tarde: Conclnio por fim. Vou para casa; minha mulher espera-me. Amanhã vai jantar connosco; quero-te apresentar a ella.

O Chico oppoz modestamente um: — Obrigado! não precisa encommodo...

Insistio o outro: — Minha mulher já te conhece de nome. Por occasião daquelles cem mil réis, que me prestaste, fallamos muito de ti; fiz-te os maiores elogios, como és merecedor.

Gesto do Chico. — Ora deixa-te de modestia. As grandes virtudes são luzeiros, que todos devem fitar.

O rapaz do diamante baixou a cabeça confuso. Tinha consciencia de não merecer aquellas bondades.

— Não sejas tólo, homem! A modestia tambem prejudica. Ha por ahí figurões, que não valem o que vales, e estão nos annaes da fama!

Chico não pode ainda achar o que dizer a tamanha generosidade; estava esmagado!

Bem! resumiu o marido bemaventurado. Amanhã ás 4 horas... Não ha cerimonia; é como se estivesses em tua casa. Minha mulher é muito simples e inimilga de etiquetas.

— Isto é proprio das almas nobres! bestejou emfim o Chico.

— Pois adeusinho, até amanhã.

Ja para retirar-se e voltou:

— E' verdade. Levas charntos ahí? Esqueci-me...

— Pois não! atalhou o mancebo das pontudas botas, e sacou do bolso uma cheirosa charuteira de couro da Russia, peijada de Regalias.

— Da-me dois... apressou-se em dizer o filizardo.

— Leva-os todos, não tenhas ceremonias comigo.

— Tenho eoffrido de insomnias... foi-se desculpando o outro e afastou-se.

Naquelle momento Chico dava-lhe até a haga do anel, si lhe a pedisse o amigo. Estava deveras preso á aquelle generoso coração. Quando vio-se só, metteo a mão no bolso das calças, e poz-se a raspar o chão com a pontaira da bengala, cheio de inveja daquelle marido que voava faliz para o lar, ao passo pue elle iria solitario e aborrecido espichar-se no frio leito de rapaz solteiro!

Entrou em casa o venturoso marido assoviando o Zé-Perreira. A mulher, pallida moça de 25 annos, com falta de dentes, mettida ao fundo da cama, embalava por meio de um cordel, o filho que se havia esgoelado por uma boa hora.

— Não assovie, homem: o menino ha duas horas que chora. Agora mesmo é que socegou.

— Ainda bem não chego, já começaes com os teus aborrecimentos.

— Homem de Deus! Pois é aborrecimento pedir para não acordar a creança que ha duas horas me atormenta! Você não pára em casa; se aqui estivesse havia de aguentar...

— E' melhor calaree a tua bocca!

Elle deixou de assoviar e de máo humor foi tratando de despir-se e e deitar-se. A mulher afastou-se um pouco para dar-lhe lugar.

— Amanhã, diese elle se espichando, o meu amigo Chico vem jantar connosco.

— Que demónio de Chico é esse?

— Tens o costume de maltratar as

peçoas de minha amizade. E's insuportavel.

— E' que você só me traz trabalho para casa. Bem sabe que não tenho creado; e eu é que sirvo para tudo. Já não me atrevo. Você passa o dia na repartição, as tardes na rua, ns noites ao jogo. Só vem a casa para chimpar-me destas.

— Estás hoje pegando a toda isca.

— Não é isca; é você que não comprehendendo que uma casa de familia não é um hotel para de momento a momento metter-se um typo para jantar

— Typo é tu. Olha, que continuas a maltratar os meus amigos!

— Qual amigos! Você o que tem é parceiros de jogo e de pagodes. Si fossem seus amigos, seriam os primeiros a mandal-o para casa a ver seus filhos e me ajudar.

O homem exasperava-se:

— Cala a bocca, que é o melh r: deixa-me descançar.

— Eu é que devia descançar. Passo os dias lidando, as noites acordada com os meninos, e em cima de tudo ir fazer jantar para vadios... Era o que faltava!

— Para que lê casaste?...

— De tola! Hoje não me apanharião mais. Fiei-me em prosas e desgraçei-me.

— Então te desgraçaste casando com-migo! Eim?

Pois não é desgraça ter-se um marido, que não pára em casa; que joga o vintem que adquire; que deixa sua mulher na cosinba, como uma negra feita um bicho!

— Querias então estar enfeitadinha á janella para te acharem bonita? Não és tão bella figura...

Bella ou não, assim mesmo...

E interrompeo-se.

Que ias tu dizer? acaba! disse o marido erguendo-se no cotovello.

Nada...

Acaba! gritou elle fulo.

— Tambem Você pôe-se a atormentar-me, a ponto de por-me doida.

Acaba! repeta o venturozo marido. Acaba que eu quero arrancar estes beijos!

Era brutal! A creança acordou gritando e a pobre mãe desceu da cama e, de pé, em camisa, soluçando, pôs-se a embalar o filho, emquanto o filis marido, o amigo do Obico, vomitava as ultimas palavras de sua indignação:

— Atrevida! Desvergonhada!

Filizardo...

LAHORE.

## BANHO DE OIRO

Numa noite de luar, calma e saudosa,  
Em teu jardim passeiavas silenciosa.  
Dos beijos desta noite embalsamada,  
Lembras-te? Ia morrendo a serenada,

Alem,—como uma supplica chorosa.  
Cupola azul de perolas crivada,  
Parecia-me o céu; e a vagarosa  
Lua, em meio da cupola engastada,

Lembrava-me um esplendido chuveiro,  
Que em teu jardim,—qual dentro de um hanneiro,  
De aromas chebo,—catadupa irriante

De oiro jorrava; e então, leu corpo inteiro  
Vi, como que afogado, ó minha amante,  
Nas ondas da cascata fulgurante!

HENRIQUE DE MAGALHÃES

## POETAS MINEIROS

III

BASILIO DA GAMA

(Conclusão)

José Basilio da Gama foi muitissimo versado em grego, latim e italiano, cuja litteratura e poetas lhe eram sobremodo familiares, conforme o demonstra em as suas poesias originaes ou traduzidas.

A respeito do poema diz um critico erudito:

« Justo elogio mereceu o sensivel cantor da infeliz Lyndoya, que mais nacional foi que nenhum dos seus compatriotas brasileiros. O *Uruguay* do José Basilio da Gama é o moderno poema que mais merito tem na minha opinião. Scenas naturaes mui bem pintadas, de grande e bella execução descriptiva; phrase pura e sem affectação, versos naturaes, sem ser prosaicos, e quando cumpre sublimes sem ser guindados: não são qualidades communs. Os brasileiros principalmente lhe devem a melhor corôa de sua poesia, que nelle é verdadeiramente nacional e legitima americana. Magua e que tão distincto poeta não limasse mais o seu poema, lhe não desse mais amplidão, e quadro tão magnifico o acanhasse tanto Si houvera tomado esse trabalho, desappareciam algumas incorrecções de estylo, algumas repetições e um certo desalinho geral, que muitas vezes é belleza, mas continuado e constante em um poema longo é defeito.» (1)

Outro escriptor distincto assim expende o seu juizo:

« O auctor do *Uruguay* principalmente se extremou pelo talento da harmonia imitativa, pelo mechanismo da linguagem, sabendo sempre aditar os sons ás imagens. As vezes faz correr os versos fluidos e naturaes; outros, como nas falas de Cacambo, demora no verso de proposito, porque deseja representar distancia, socego ou brandura. Si a imagem é audaz e viva, com quando fala Cepé, faz precipitar os versos, até dirieis que em casos duros e de batalhas, sobe fazel-os roçar asperadamente uns com outros.» (2)

A opinião de tão emeritos criticos é quanto basta para que Basilio da Gama seja considerado um grande poeta, e poeta verdadeiramente brasileiro.

Já que fomos demasiado longo na apreciação deste poeta, iremos ainda alem, tratando de um soneto sobre que já se levantaram duvidas. *A Semana*, magnifica revista litteraria da Corte, o publicou em o seu n. 50, dando a sua auctoridade como attribuida a Basilio da Gama. *A Penna*, periodico que se publicou no Rio Grande do Sul, em o numero de 31 de Agosto de 1884, o publicou, apenas com pequenas variantes, sob o nome de Camões. E o *Almanak Litterario de S. Paulo* ainda o publica com o nome de Gomes Freire de Andrada, precedido das seguintes palavras: « Poucos conhecem o mimoso soneto, que abaixo publicamos, devido á inspiração do illustre general Gomes Freire de Andrada, conde de Bobadella.» (3) Aqui o damos:

«Mimoso pintasylo, flor vivente,  
Sonoro ribeirinho, alma do prado!  
Não cantes, lisongeia um desgraçado,  
Não corras, aco:panha um descontente,

(1) Almeida Garret.

(2) visconde de Porto Seguro.

(3) *Almanak Litterario de S. Paulo* 1878, pag. 75.

Si ahí nesse raminho alegremente,  
Cantando, zombas do meu triste fado,  
Si aqui, por entre seixos debruçado,  
Murmuras, rindo de quem chora ausente

Ah tem lastima de mim, e em breve espaço.  
Voa tu com as penas que aqui passo,  
Sem que os longes te sirvam de embaraço.

Para o que, doce O' pheu, crystal sonoro,  
Voa tu com as penas que aqui passo,  
Corre tu com as lagrimas que aqui choro.»

« Provavelmente, diz o Dr. Valentim Magalhães, os versos primeiro do primeiro terceto e ultimo do segundo, medonhamente errados, não o foram pelo auctor, pois, alem do cuidado com que naquelle tempo se cultivava a fórma da poesia, especialmente do soneto, quem escreveu esses doze versos correctissimos, não perpetraria aquelles dois aleijões. Foi sem duvida corruptella da transmissao oral ou erro de copia.» (4)

Na familia de Gomes Freire não se encontram poetas, contam-se soldados, e que bons soldados! O governador José Antonio Freire de Andrade e o tenente-coronel Francisco de Paulo Freire de Andrade, attestam eloquentemente o seu valor patriotico. (5)

Afora esta, outra prova concorre em favor de Basilio:

No poema *Uruguay*, Gomes Freire é o herôe da acção, consoante se deprehende destes versos:

« Fermam ainda nas desertas praias  
Lagos de sangue tepidos e impuros.  
Em que ondeam cadaveres despídos,  
Pasto de corvos. Dura inda nos valles

O rouco som da irada artilharia.  
Musa, honremos o herôe, que o povo rude  
Subjugou do Uruguay, e no seu sangue  
Dos decretos reaes lavou a affronta.»

E quem nos diz a nós que alguém, impressionado com a leitura do poema, e confundindo os nomes do autor e do herôe, assignasse erradamente aquelle soneto?

Emquanto a Camões está patente que lhe não pertence aquella joia poetica. Estamos de perfeito accordo com o illustre *couteur* dos *Vinte Contos*: houve por força corruptella na transmissao oral ou erro de copia, pois que Basilio da Gama foi poeta arcadico de merecimento e o famigerado Bobadella, ao que nos consta, jamais teve fóros de poeta.

A nosso ver portanto, o auctor unico de tal poesia é José Basilio da Gama, em quem concorrem precedentes e predicados que o habilitam a subscrevela com todas as regalías reservadas á propriedade.

LAFAYETE DE TOLEDO

(4) Valentim Magalhães, *A Semana*, 1886, vol. II, pag. 92.

(5) O visconde de Porto Seguro, *Historia Geral do Brazil*, escreve Andrade e cita o *Brazil Historico*, I, n. 56, em que se encontra a assignatura correctea de José Antonio Freire de Andrade.

## A AGUIA

Desde aquelle dia em que deixei-te  
no alto de uma collina florida, junto  
ao mar, n'uma tarde de sol, e no seio  
de um immenso e profundo buraco  
aberto no barro vermelho, tão verme-  
lho que tive pesar de ver como se ia  
ensopar nesse profuso e vivo sangue

da terra todo o teu caixãozinho azul e  
a tua branca mortalha de noiva...  
desde esse dia, ó minha perdida  
esperança! ó meu arrebatado ideal!  
que continuamente levo a pensar no  
meu infortunio de te perder para todo  
o sempre, e no tenebroso mysterio da  
morte.

O meu atormentado espirito intentn  
debalda decifrar, esclarecer e rasgar o  
brutal e crasso enigma.

E' tudo em vão.

E quantas vezes, desde esse tempo,  
eu não tenho ido á tua humilde sepul-  
tura, onde florescem os lyrios e as per-  
petuas, espalhar os meus scimares, de-  
ragnar as minhas maguas e saudades  
sobre o frio chão que te cobre!

E, alli, pregado ao logar onde te vi  
enterrar, na ausencia absoluta, esma-  
gadora e cruel de toda a tua pessoa e  
dos teus carinhos, como eu interrogo a  
natureza e as cousas sobre o teu espí-  
rito, sobre a tua gentileza e as tuas  
graças!

Então, na intermittencia do soffri-  
mento, mas n'uma nostalgia recondita  
de ti e de todos os teus encantos, n'uma  
reconcentração piedosa e mystica in-  
vade-me o peito a vaga consolação de  
que a tua alma gentil e immaculada  
volitará de certo no céu, entre anjos,  
n'um gorgeio infinito, amplamente  
banhada do santo olhar do Seuhor.

Mas, depois, ao lento expirar dessa  
idéa, volto para casa, ancioso, descon-  
solado, soturno.

Então procuro a embriaguez do es-  
quecimento.

Todas as noites, porém, debruçado  
na janella do meu quarto, a olhar o  
infinito, sosinho, alheado de tudo,  
n'uma longa e afundada meditação, e  
no meio da natureza que dorme, eu,  
não sei porque, mas completamente  
embebido na tua subtil e delicadissima  
essencia, traspassado da tua lem-  
brança, n'um embevecimento supremo  
e dominador, como que vejo os teus  
olhos sorrirem para mim lá nas altu-  
ras, entre as estrellas,—e, então, o meu  
espirito se eleva n'um vôo muito alto,  
se eleva até os astros, em busca de ti:  
possante e sereno, como uma grande  
agua,

HORACIO DE CARVALHO.

Desterro, Santa Catharina, Janeiro  
de 1888.

## VIDA ALEGRE

FINIANOS

Meia noite tristemente... Qual, tris-  
temente! Mal soaram na torre de  
S. Francisco as duas horas da noite  
já no *Poleiro* dos Finianos não havia  
logar para... nma cabecinha de alfinete.  
Que dilyrio! Que pandega! Aquillo  
alli era dansar, dansar, dansar, ao  
lado de tentadoras, fascinadoras, arre-  
batadoras rymphas e depois... *morire*.  
Ai, que delicias!

O diabo é a gente não ser feita de  
bronze para não cançar nunca. Ha dor  
maior do que esta: Ter a gente de se  
retirar de um *ninho* quente de prazer,  
de alegria, de champagne, de espirito,

de tudo que é tentador... até de olhares doidos fasciantes, lembrando astros desorbitados, só porque o canção, a fadiga, o somno, este maldicto nos aquilla o corpo.

Um hurrah aos Finianos.  
Hurrah!

## TENENTES DO DIABO

Deslumbrante, saracoteante, enorrrme, foi o baile que esta endiabrada associação deu no sabbado ultimo.

O aspecto da caverna era uma cousa oriental, phantastica, idéal, um dilúvio de leques, coltos, musicas, phantasias, risos, brados, danças. Um assombro! Quando a Anora com os seus dedos etc., etc., etc., rasgou etc., etc., do Oriente encontrou ainda os incançáveis tenentes a dançarem, a girarem ao som de entusiasticas polkas, arrebotadouras valsas o de intermináveis quadrilhas.

Bravos! Bravos!

## DEMOCRATICOS

A graça, o espirito, a pilberia, a loucura até, deram *rendes-vous* na noite de sabbado no vasto salão dos popularrissimos Democraticos.

O castello estava tafulhado e illuminado de *estrellas*. Não havia um recanto onde ellas não hrilhasssem, fascinadoramente, e nem sahuiu de lá mortal nenhum que não trouxesse n'alma a recordação d'aquelles corpos tentadores, que á vaga das provocantes musicas das caprichosas phantasias, e das cambiantes luzes, ondulavam, quebraavam-se languidamente, mollemente, como se fossem feitos de espuma e rosas e movimentados por alguma varinha magica vibrada por ignoto e extranho deus.

Um paraíso! Um Eden de alegria e de prazer, encartado neste vale de lagrimas—o mundo.

Ahi Democraticos. Ao champagne! Ao champagne! Ao champagne!  
Hip! Hip! Hurrah...

## CONGRESSO DOS FINIANOS

Magnifico o baile de sabbado! Que entusiasmo! Que transbordamento de alegria!...

Estou aqui, estou embasbacado, admirado e convencido de que a hereditariade (olhem que eu não sou o Ribot) é um facto. Os congressistas sahiram aos pais. Que *bébé*! Que desenvolvimento precoce têm estes *nénés*! Se vão neste andar estão brevemente tocendo o bigodinho ao lado dos papás e a perguntarem-lhe: *Vocês nos conhecem?*

Que grandes pandegos! Sim senhores! vocês são enorrrmes.  
Viva a pandega!  
Vivam os Congressistas.

## POLITICOS

A elegancia, o *chic* e o espirito estiveram no baile que os Politicos deram no sabbado ultimo Foi uma festa deliciosa aquella!

As *serenas* do amor, modularam as suas tentadoras canções naquella oceano de alegria, e presos aos seus braços quantos *politicos* não se perderam pelo paiz dos sonhos e das chiméras e não se esqueceram da vida e de um cortejo de privações!

Bravos, Politicos! Bravissimos!  
Hurrah...

PIERROT

## IL FIOR MORTALE

Nós seguimos tambem as turbas ledas,  
Tu — distrahida e alegre, eu — meditando;  
Passavam rindo, rindo e segredando  
Phrases que sabes e que não segredas...

Este a cantar seguia... Aquella ás treclas  
Mãos a grinalda atvissima esfolhando...  
Alguns, desviados do ruidoso bando,  
Buscavam as desertas alamedas...

Fomos... Ao fundo escuro da quebrada  
Descei: olhavas cheia de pallor!  
Trouxe-te emfim a rosa desejada,

Trouxe-te a rosa pallida do amor...  
E inda tenho a existencia enveneniada  
Dos espinhos crusis daquella flor!...

ALBERTO SILVA

## CONTOS SINGELOS

## NA ALCOVA

Palmyra, a loira, a meiga Palmyra está sentada em um divan de veludo *grenat* coberto de finissima renda, com a face apoiada á mão fina e branca e os grandes olbos azues fitos no tecto. Sob a cascata doirada de seus longos cabellos alvejam-lhe o collo e os hombros nus, os pés pequeninos, rosados, repousam livres no tapete e ella com a cabeça graciosamente derreida no encosto do divan scisma, scisma, com os olhos fitos no tecto.

Em cima de uma mesinha de pau setim uma lampada cor de rosa espalha pela alcova perfumosa e tépida a doce e consoladora luz de seu bojo delicado e transparente e a tenuissima claridade acaricia os luxuosos moveis, faz scintillar o crystal dos espelhos e se esbate suavemente na seda azul celeste da parede.

No marmore dos consolos misturam-se em artistica confusão fitas, rendas lvas e rosas despencadas, e no centro, juntas em monte, as joias abandonadas ostentam as suas sappiras e os seus hrilhantes, nos quaes a luz põe mil scintillações...

Junto a um leque meio aberto um raminho de violetas murchas exala com o derradeiro perfume o derradeiro alento; e ao fundo quasi occulto na penumbra ergue-se o leito alvo e macio cercado de cortinas transparentes.

Perdera-se ha muito nas vastas e silenciosas salas do palacio o écho da ultima badalada da meia noite e sem que lhe pese nas palpebras o mais leve signal de somno, Palmyra no castissimo recolhimento da alcova perfumosa e tepida revive na imaginação todos os episodios do baile da vespera.

Elle lá estivera, sempre tímido e respeitoso, deixando transparecer o seu amor apenas nos ardentes olhares com que a envolvia de instante a instante, e não osando dirigir-lhe sequer o mais banal dos complimentos.

Com ella só se animara a dansar uma valsa; mas que valsa!  
Entontecedora, delirante, louca!...

Aos primeiros compassos arremessaram-se no doido turbilhão e voaram entrelaçados, as respirações confundi-

das, os olhos embriagadoramente embebidos no tecto...

E ella cerra docemente as palpebras julgando sentir ainda na cintura a ligeira pressão daquelle braço nervoso e tremulo...

Lá fora a noite vai placida e serena, as estrellas brilham no firmamento e a lua na sua ultima phase derrama do alto uma claridade frouxa e mortiça.

Ondulam em baixo ao leve sopro da aragem as fraucas ramalhudas das arvores do parque e no mysterioso silencio da noite ouve-se apenas o tri-tri aspero e estridente dos grillos num concerto monotono e errante.

E na alcova vagamente illuminada pela lampada cor de rosa Palmyra, a loira, a meiga Palmira com a face apoiada á mão fina e branca e o seio a arfar extranha e impetuosamente sente pungir-lhe n'alma a primeira saudade e julga ver na penumbra os olhos d'elle negros como a noite e luminosos como os astros e nos quaes ella advinhára um poema inteiro de amor e paixão!...

No marmore dos consolos cahem uma a uma as setineas petalas das rosas e esquecido, junto ao leque meio aberto, o raminho de violetas murchas exhala com o derradeiro perfume o derradeiro alento...

LUCIA.

## NO GRANDE BAZAR

(A Osorio Duque—Estrada)

Obra de industria se nos afigura  
O velho turco no divan sentado;  
Cae-lhe por sobre o cafetan bordado  
A barba em toda a nitida brancura.

Com que graça a cabeça lhe emoldura  
O turbante de pedras recamado.  
O narghilé fumando embriagado  
Sonba Stambul—a deslumbrante impura.

Commovido revê a mocidade  
D'aventureiro, o luxo, o aparato...  
—Parece a estatua da immobildade.

Longe do turco os asperos escolhos...  
Masse presente alguém vae como um gato  
Silencioso descerrando os olhos.

GUIMARÃES PASSOS

## THEATROS E DIVERSÕE

No Sant'Anna subiu á scena ultimamente e, tem agradado bem ao publico, a opera comica de Leterrier e Vauloo: *Roi de Carreau* traduzido do original francez pelo Dr Moreira Sampaio que denominou-a, não sabemos porque, *Dama de Espadas*.

A impressão que nos causou a peça não foi, confessamo-lo, bastante lisongeira e revellou-nos apenas a má orientação de um talento sem originalidade. Apesar da esplendida scenographia, devida a Carrancini, a peça teria desagradado si não fóra o brilhante desempenho dos papeis interpretados com verdadeira correção e talento por Guilherme de Aguiar, Peixoto, Polero, Mesquita, Areias, Lisboa, Herminia e Villiot.

Da musica, que alias não é superior ás precedentes do auctor, resultam trechos de muita graça e originalidade, amplitude e melodia.

O dueto de Agenor e Manoela, o côro dos ladrões, entre outros, agradaram-nos muito.

E' de esperar enfim que a peça abra caminho ao rico dinheiro do publico para o bulgo do Heller e faça até o seu centenário, porque *cousas* ha nella que ahadaram.

## ZAVATAR

Brevemente este distincto professor dará um concerto. Já sabemos quanto é bom ouvir boa musica e por isso esperamos ansiosos o dia em que Zavatar nos encha os ouvidos com seus accordes dulcissimos.

## RECREIO DRAMATICO

A grande Avenida, O cazimbo da óvó, Não me embacem e O Lucas têm dado a empreza Dias Braga boas receitas.

Está em maré de felicidade o Recreio. Que esteja por muito tempo, quer haja *delormistas* e *belegrandistas*, quer não. Na proxima semana subirá á scena a comedia *Uma casa de doidos* que dizem ser desopilante e engraçadissima.

## DOUS BENEFICIOS

Durante a semana fizeram beneficio com extraordinario successo as estimadas atrizes Cinira Polonio e Herminia Adelaide.

Esta escolheu para a grande noite *O amor molhado* peça já bem conhecida do publico e que tem voltado á scena por instancias do mesmo.

Foi um mundo de bravos e palmas, duas festas que devem ter deixado fundas impressões no coração das duas atrizes que no susurro das palmas e nas cascatas de flores recebem as expressões de admiração e sympathia que souberam conquistar pelo talento.

O beneficio da Cinira fez-se com o *Capellinho Vermelho*, o bello trabalho de Blum e Tochê traduzido com admiravel talento por Figueiredo Coimbra e Azeredo Coutinho

A festa da Cinira foi esplendida, e todos os artistas que na peça tomaram parte deram-lhe completo desenvolvimento.

LHA.

## A LARANJEIRA

Festiva e engrinalda a laranjeira  
Aponta os seios ao cair das flores,  
E rescendenao virginaes odores  
Lembra a esperanca de mulher solteira.

Talvez seja a Amadryada primeira  
Que ao Jupiter sensual negou amores,  
E esconda agora os feminis primores  
De uma formosa virgem prisioneira.

— O' arvore celeste do peccado,  
A' noite fria, quando o céu sem lua,  
Desvela o corpo esbelto e perfumado,

Despe a tunica verde que fluctua.  
Que entre as sombras lá vem teu desposado,  
E os pomos de ouro lhe offerece nua.

J. DE MORAES SILVA

## FACTOS E NOTICIAS

### MANIFESTAÇÃO

No dia 5 do corrente foi alvo de uma bellissima manifestação de apreço por parte dos moradores da ilha de Paquetá o distincto cavalheiro o Sr. commendador Antonio Martins Lage.

As 4 horas da tarde largou da ponte da Córte uma barca Ferry, levando a seu bordo grande numero de convidados e representantes da imprensa que iam assistir a inauguração solemne da nova ponte de embarque, cuja benção foi lançada pelo Rev. padre Christão de Carvalho em presença do Sr. commendador Lage, sua Exma. familia e grande numero de pessoas que já alli se acharam a chegada da barca.

Finda a cerimonia o Rev. padre Christão cedeu a sua esportula em favor da infancia desamparada da ilha, dirigindo-se após toda a comitiva precedida por tres bandas de musica para a residencia do Sr. Dr. J. da Silva Pinheiro Freire, onde foi servido um opiparo jantar, trocando-se nesta occasião varios e entusiasticos brindes. As 7 1/2 formamto *marche aux flambeaux*, seguiram todos os convidados e se derigiram a casa do Sr. commendador Lage. Ahi chegados o Sr. Dr. Freire proaunciou um brilhante discurso em que realçou os trabalhos e o merito do Sr. commendador Lage, entregando-o por esta occasião um formosissimo album em nome dos moradores de Paquetá. Na primeira pagiaa do album leem se as seguintes lihas: *Homenagem ao commendador Antonio Martins Lage, por serviços prestados a pittoresca ilha de Paquetá: 5 de Fevereiro de 1888.*

Alem do discurso official pronunciam discursos varios cavalheiros presentes. O Sr. commendador Lage agradeceu a manifestação e convidou as pessoas preasentes para um profuso copo d'agua.

A bella chacara do Sr. commendador achava-se brilhantemente illuminada, sendo de grande effeito a distribuição da luz polos copinhos, balões venezianas e luz electrica.

Após a entrega do album houve animadissimo sarau que terminou pela madrugada.

Alem disto queimou-se as 10 1/2 um vistoso fogo de artificio.

Foi em tudo uma festa brilhantissima, digna dos cavalheiros que a formaram e que se firmará gratamente no espirito do Sr. commendador Lage, alvo de todas aquellas manifestações.

Ao Sr. commendador Lage, envia *A Semana* um apertado abraço congratulatorio.

Tem sido muito visitada a exposição que o nosso distincto amigo pintor Rodolpho Amodeo fez, na Academia das Bellas Artes, dos seus bellissimo quadros.

### OCTAVIANO HUDSON

Faz amanhã dous annos que morreu Octaviano Hudson, esse ministro da caridade, em cujo olhar, doce via-se a excellencia de seu coração, essa alma, que era a alma da causa dos infelizes; aquella fronte livida e serena, talento que recolhia a amplitude d'alma do cantor das Peregrinaas.

Em nome desta geração que sente e que pensa curvamos o joelho ante a memoria do grande cidadão que soube por em pratica a religião da Humanidade, e que tanto amor e trabalho despendeu as lettras patrias.

## Diversas Publicações

O numero 24 do 4º anno da *Illustração* excellente revista redigida por Marianno Pina. Traz na primeira pagina o retrato de Sadi-Carnot, o actual presidente da Republica Franceza, e nas outras excellentes illustrações.

Pelo Sr. José Rapozo foram-nos offerecidos os dois primeiros fasciculos do Romance de J. Valero—Pepita Jiminez versão de Luciano Cordeiro e prefaciado por J. Cezar Machado. O Sr. Rapozo é director da Empreza Litteraria Catharinense, que enceta os seus trabalhos com e publicação deste romance. O publico de certo favorecerá esta empreza que, alem de ser nacional e de publicar só bons livros, o faz por preços muito razoaveis.

O digno moço o Sr. José Raposo merece o apoio publico e por nossa parte estamos prompto a prestar-lhe.

A illustre redacção do *Vassourense* nos brindou com o seu interessante Almanack deste anno. Somos-lhe grato.

*Echo das Damas.* O numero que se distribuiu ultimamente tras bons artigos. Este interessante periodico é redigido por um grupo de distinctas Senhoras, que com vantagem, cultivão as lettras.

Como sempre a ultima *Revista Illustrada* veio muito boa. Faz espirito o Angelo, mesmo até quando... dorme.

O n. 4 das *Notas d Margem* primorosa chronica quinzenal do nosso illustre

collega Valentim Magalhães, está excellentemente, como tudo que sae de sua amestrada penna. Todas as questões que formão o seu Summario são tratados com muita critica, e muito espirito.

Que nos venhão sempre assim as *Notas*.

Do Sr. Dr. Filisbello Freire, recebemos um fasciculo, da conferencia que realison, sobre a Evolução da materia, e causas de suas formas, no club das Laranjeiras, na noite de 25 de Novembro de 1887.

O illustre Sr. Conselheiro Dr. Jorge João Dodsworth fez-nos a honra de mandar dois volumes dos Annaes do Parlamento Brasileiro, da Camara dos Srs. Deputados do 4º anno da 2ª Legislatura, e sessão de 1888. E' um trabalho completo de paciencia e util pelos elementos de nossa historia parlamentar que bem coordernados offerece. Agradecidos.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Hospicio 102.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas u. 2.

Alvares matinaes, poesias de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Affonso Celso Junior. A sair do prélo. Preço de volume: 2\$000.

Constructores de machtasn e apperellos para lavoura—Schubert Irmãos & Haas.—Juiz de Fóra.

Pharmacia Monteiro Praça da Constituição n. 28, em frente á estatua. Vinho de pepsina e diastase paul creatinado, preparado por Monteiro & Marques.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fóra.

Dr. André Rangel.—C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua Conde de Lage n. 14.

F. Navarro de M. Salles—encarrega-se de defexas perante o jury Muzambinho—Minas.

Augusto Luzo.—incumbe-se gra tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior, continúa a receber cobranças por porcentagem razoavel na cidade Onro Fino,

Dr. Araujo Filho—Medico par teiro; Residencia, rua Viscondado Rio Branco, nº. 36

Julio Cezar Tavaros Paes encarrega-se de liquidações amigaveis ou judiciais na cidade de Muzambinho e seu termo.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provcia de S. Paulo.

Agrimensores.—Dois Agrimensores com grande pratica de trabalhos de Campo encarregam-se de qualquer serviço de sua profissão, tanto fora como dentro desta Córte. Informa-se na *Semvna*.

Dr. Aristidos Spinola—Advogado, rua do General Camara n. 36.

Dr. Rodrigues Lima—Medico arteiro, rua de S. Pedro n. 56.

Dr. Virgilio Gordilho—Advogado, rua do General Camara n. 36.

Leonel Roza—Advogado. Encarrega-se de causas, perante o jury.

Dr. Coelho Lisboa—Advogado rua dos Ourives n. 21.

Dr. Ratisbona Filho—Advogado, rua da Quitanda n. 51.

Dr. Luiz Murat.—Advogado, rua da Quitanda n. 54.

Dr. Aristidos Lobo—Advogado, rua dos Ourives n. 21.

Dr. João Ribeiro—Medico e especialista em molestias de criança e siphilis, rua de S. Amaro n. 18.

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocinio. E. de F. Leopoldina. Minas.

## THEATROS

ESPECTACULOS HOJE

LUCINDA --- Capellino Vermelho,

SANT'ANNA---Amor molhado.

RECREIO---A Grande Avenida.

Typ. d'A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado